

[ENTREVISTA] Pós-digital: o fim da comunicação massiva

Tolentino Souza, Suyanne

[ENTREVISTA] Pós-digital: o fim da comunicação massiva

Interin, vol. 23, núm. 2, 2018

Universidade Tuiuti do Paraná, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504459790010>

[ENTREVISTA] Pós-digital: o fim da comunicação massiva

Suyanne Tolentino Souza suyanne.souza@pucpr.br
Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Brasil

[ENTREVISTA] Pós-digital: o fim da comunicação massiva

O “Pós-Digital” é um termo que ultrapassa fronteiras do campo cada vez mais expandido da Cultura Digital. Envolve o contexto das artes, da cultura, da cognição e sobretudo do poder. No cenário internacional a utilização do termo é corrente, o que implica na necessidade de uma pausa para que se possa compreender sua dimensão.

A utilização do prefixo pós- não implica dizer que o que veio antes acabou, mesmo porque o mundo atual apresenta elementos que são absolutamente pré-digitais, digitais e também pós-digitais, mas é uma crítica e uma ampliação ao conceito do termo precedente. E isso acontece porque a sociedade não pode ser vista de forma linear, estanque; determinadas forças do passado modificam a paisagem do presente, possibilitando uma nova imersão no futuro. Por meio de reflexões sobre essas novas possibilidades de conceituação, implicação e utilização do termo, Lucia Santaella proporcionou uma comunhão de suas diversas obras, trazendo novos pensamentos em relação ao contexto contemporâneo que acaba com a Era das Massas e traz um coletivo individualizado. A seguir, apresentamos trechos de uma entrevista com a autora que contribuem para o entendimento do conceito e abrangência do termo.

Lucia Santaella é pesquisadora 1A do CNPQ, professora titular na pós-graduação em Comunicação e Semiótica e na Pós-Graduação em Tecnologias da Inteligência e Design Digital (PUC-SP). Doutora em Teoria Literária pela PUC-SP e livre-docente em Ciências da Comunicação pela USP. Publicou 41 livros e organizou 14, além da publicação de mais de 300 artigos no Brasil e no exterior.

REVISTA INTERIN - O termo “pós-digital” vem sendo utilizado com certa frequência, mas também com certo cuidado. Essa utilização significa dizer que o digital está chegando ao fim?

Lucia Santaella - De jeito nenhum. Significa que o nome “pós”, mesmo que ele signifique “depois de” e crie o sentido de “então acabou”, nunca foi nesse sentido. Nem quando falamos em pós-moderno, em pós-humano, em pós-digital. Quando você fala “pós”, algo veio antes e algo virá depois. No fundo, essa palavra evidencia a necessidade de repensar. Por isso, quando você fala em pós-modernidade, é repensar a modernidade. Quer dizer, o que está acontecendo, no fundo, é um questionamento: a

modernidade cumpriu seu destino ou não? Com o pós-digital é a mesma coisa. Será que o digital está cumprindo as promessas? Quer dizer, hoje a gente enxerga as mazelas do digital com as suas contradições e seus paradoxos, então é nesse sentido que se fala em pós-digital. Não acabou, e vai cada vez tomar mais conta da nossa vida. Basta a gente começar a pesquisar agora o que está acontecendo com a inteligência artificial, que é um grande guarda-chuva que abriga aplicativos, algoritmos aplicados a um campo enorme, da medicina, educação, comércio, empresa, etc. Não quer dizer que acabou, seria um contrassenso enorme em relação à realidade que está aí.

REVISTA INTERIN - *Como a era pós-digital está relacionada com as táticas e estratégias do poder?*

Lucia Santaella - Tem tudo a ver. Você sabe como foi eleito o Trump: big data. Ele mandava fazer pesquisa, que hoje é de uma facilidade enorme. Vou dar um exemplo: se alguém resolve fazer uma pesquisa sobre o meu perfil, pega uma quantidade de elementos no Google e Facebook, e aplica um algoritmo de big data e você tem lá o meu perfil. Então hoje o poder faz uso disso, quanto mais sofisticado é o país, mais habilitado está para utilizar esses recursos que a tecnologia apresenta. Hoje a tecnologia permeia todos os extratos da vida social.

REVISTA INTERIN - *As questões políticas e sociais podem ser compartilhadas rapidamente por intermédio das mídias contemporâneas, diferente do que acontecia há até certo tempo, em que tínhamos filtros da emissora, do editor, por exemplo. Como você avalia essa ausência dos filtros?*

Lucia Santaella - Primeiramente é importante se perguntar quem filtra o quê? Como diria Nietzsche: quem educa os educadores? Porque o filtro tem um certo parentesco com a censura. Por que eu vou ficar julgando que tudo que aparece na internet é coisa de gente imbecil? Deixe o outro falar. O que você precisa é cultivar seu repertório, para que você perceba que aquilo é bobagem. Então hoje ficou tudo mais complexo, muito mais caótico. O que eu estou dizendo não significa que você não tenha alguns extratos e algumas camadas de produção da informação que sejam mais gabaritadas. Mas elas têm que conviver com essa outra realidade, entende?

REVISTA INTERIN - *Posicionamentos políticos e sociais vêm sendo muito compartilhados nas redes sociais, e isso acaba polarizando diferentes tipos de agrupamentos: sexism, rivalidades religiosas, o próprio racismo. No pós-digital essa superexposição acaba sendo mais preocupante?*

Lucia Santaella - Antes a gente não sabia o que as pessoas pensavam, e hoje sim. Evidentemente, tem essa tendência de achar feio o que não é espelho, então as pessoas se agrupam de acordo com aquilo que dá mais conforto em relação às crenças que têm. Elas pensavam, eram racistas, eram preconceituosas. Agora você sabe o que as pessoas pensam, tem aquela força de atração que gera o agrupamento. Elas criam força, porque é uma força coletiva. Daí você entende esses grupos que se emanam na intolerância. Mas intolerância sempre houve, ela só estava quietinha no seu canto. Hoje não. De repente você percebe que tem gente que vai dar força para a sua crença e é isso que forma essas bolhas, que são bolhas digitais, e às vezes ferozes.

REVISTA INTERIN - *Quando falamos em bolha, podemos pensar que elas são mais permeáveis nos dias atuais?*

Lucia Santaella - Como todas as bolhas, elas são frágeis. O filósofo alemão Peter Sloterdijk, autor da trilogia “Esferas”, caracteriza de maneira espetacular o que está acontecendo agora. O primeiro volume dessa obra monumental se chama “Bolhas”, o segundo é “Globo” e o terceiro é “Espumas”. Então na realidade a gente fala em bolhas, mas são espumas, em que as bolhas se multiplicam mas são frágeis, porque a realidade fala alto, né? O que nós chamamos de realidade está muito exposto. Qualquer coisa que acontece na lua você já está sabendo.

REVISTA INTERIN - *O algoritmo é massificação, mas ao mesmo tempo pode-se dizer que contribui para a personalização. Nesse sentido, caímos numa dicotomia?*

Lucia Santaella - Acabou a Era das Massas. Hoje o coletivo é individualizado. O algoritmo é feito para todos, só que é capaz de acompanhar como cada indivíduo reage. O Facebook é feito para todos, é o mesmo programa e os mesmos recursos, mas cada ser humano interfere nele na sua individualidade. Mas o que esse ser humano espera, olhe como é interessante, é a resposta do outro. Ele não fala no vazio, vai lá olhar quem clicou, quem não clicou. Isso é inescapável. Qualquer pessoa que posta quer saber aonde chegou, e daí vão criando-se essas bolhas de coletividade. Acabou a massa. Ela não é mais hegemônica. A cultura de massa no Brasil ainda é forte, a grande mídia ainda é muito forte, isso é inegável. Por exemplo, a novela de certa forma cria uma unidade de massa nas pessoas que assistem. Mas ao mesmo tempo existem aquelas pessoas que estão no celular, postando comentários sobre a novela e ridicularizando-a, e daí tem seu novo grupo. E você já viu como as pessoas veem futebol hoje em dia? Elas veem pelo WhatsApp e pelos comentários. Então, acabou a massa.

Entrevista concedida pessoalmente pela autora em setembro de 2017.